



**DESENVOLVIMENTO LOCAL A PARTIR DO TURISMO CULTURAL
EM MAZAGÃO VELHO (AP)**
*LOCAL DEVELOPMENT THROUGH CULTURAL TOURISM IN MAZAGÃO VELHO
(AP)*

**Grupo de Trabalho (GT): GT03.Comunidades tradicionais, comunidades costeiras,
saberes locais e territorialidade na Amazônia.**

Josilene Leonez Pereira – UNIFAP, e-mail: josi.leonez@gmail.com
Galdino Xavier de Paula Filho – UNIFAP, e-mail: galdino.filho@unifap.br

Resumo:

O artigo analisa o turismo cultural em Mazagão Velho (AP), destacando suas singularidades históricas e o papel da Festa de São Tiago como principal atrativo. A pesquisa, de caráter documental e bibliográfico, fundamenta-se na perspectiva de desenvolvimento local, em que a comunidade é protagonista do processo de transformação. Os resultados indicam que o distrito possui condições favoráveis para estruturar o turismo cultural como alternativa estratégica de fortalecimento econômico e social, aproveitando seu patrimônio histórico e cultural, como as ruínas da igreja matriz, o mausoléu e a Casa de Cultura Dona Oldacina. Conclui-se que o turismo cultural em Mazagão Velho pode se consolidar como caminho para o desenvolvimento local, desde que articulado à valorização identitária, ao protagonismo comunitário e à implementação de políticas públicas que fortaleçam a atividade de forma contínua e sustentável.

Palavras-chave: Turismo cultural. Desenvolvimento local. Comunidade e identidade.

Abstract:

This article analyzes cultural tourism in Mazagão Velho (Amapá, Brazil), highlighting its historical singularities and the role of the São Tiago Festival as the main attraction. The research, based on documentary and bibliographic sources, draws on Arturo Escobar's theoretical contributions regarding local development and post-development. Findings show that, although the festival generates significant income, tourism in the district remains seasonal, highly dependent on temporary government investments, and characterized by informal economic activities. The enhancement of historical and cultural heritage—such as the ruins of the old church, the mausoleum, and the Dona Oldacina Cultural Center—can diversify the tourist offer beyond the festival, reducing vulnerabilities. It is concluded that cultural tourism in Mazagão Velho can become a strategic alternative for local development, provided it is built on community protagonism, diversification of attractions, and the implementation of permanent public policies.

Key words: Cultural tourism. Local development. Community and identity.

1. Introdução

O turismo cultural é reconhecido como um segmento que contribui para a valorização de identidades e para a dinamização econômica em comunidades que preservam tradições (OMT, 2001). No Brasil, experiências em diferentes localidades evidenciam como festividades, práticas religiosas e bens históricos podem ser convertidos em atrativos turísticos que, além de



mobilizar visitantes, geram oportunidades de renda e promovem o fortalecimento comunitário (Bursztyn; Bartholo; Delamaro, 2009).

No estado do Amapá, o distrito de Mazagão Velho, situado a cerca de 62 km da capital Macapá, se destaca por sua história singular, marcada pela transferência de colonos vindos da antiga Mazagão, no Marrocos, e pela preservação da Festa de São Tiago, realizada desde 1777 (Vidal, 2008). Essa festividade, que faz parte do Inventário Nacional de Referências Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN é reconhecida como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Amapá, envolve encenações históricas, rituais religiosos e manifestações artísticas que mobilizam a comunidade local e atraem visitantes de diferentes regiões. Embora represente importante marco identitário e de movimentação econômica, o turismo em Mazagão Velho ocorre de forma sazonal, concentrado no período da festa, o que limita sua capacidade de gerar efeitos contínuos para a população (Oliveira, 2020).

A metodologia adotada para este estudo se baseia em pesquisa documental e bibliográfica. Foram consultados autores que discutem turismo cultural e desenvolvimento local, com destaque para as contribuições de Arturo Escobar, além de referências sobre a realidade amazônica e o patrimônio cultural do Amapá. Também foram utilizados dados secundários disponibilizados por instituições oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Secretaria de Estado do Turismo do Amapá (SETUR), bem como informações publicadas em veículos oficiais do governo estadual e municipal. Essa abordagem metodológica permitiu articular teoria e prática, relacionando conceitos acadêmicos às evidências empíricas do caso de Mazagão Velho.

A estrutura do artigo foi organizada em quatro partes principais. No primeiro tópico do desenvolvimento, discute-se o conceito de desenvolvimento local à luz dos postulados do autor Arturo Escobar, destacando como sua perspectiva de pós-desenvolvimento oferece subsídios para compreender o turismo cultural como prática construída a partir do protagonismo comunitário, além de trazer reflexões sobre como a articulação entre patrimônio, identidade e economia pode fortalecer alternativas de geração de renda e inclusão social. No subtópico seguinte, é analisado o patrimônio histórico e cultural de Mazagão Velho, incluindo sua formação histórica, a Festa de São Tiago e os bens materiais e imateriais que configuram o potencial turístico da localidade. O terceiro subtópico aborda os desafios enfrentados pelo distrito para fomentar o turismo cultural como vetor de desenvolvimento local, discutindo os fatores que limitam a consolidação do turismo cultural no distrito, tais como a dependência de investimentos públicos pontuais, a informalidade das atividades econômicas e a ausência de diversificação de atrativos turísticos.

Dessa forma, o artigo busca refletir sobre como o turismo cultural pode ser compreendido não apenas como prática de lazer e consumo, mas como estratégia de desenvolvimento local sustentável, fundamentada na valorização da identidade mazaganense e no protagonismo de sua comunidade.

2. Desenvolvimento local com base no Patrimônio

O debate sobre desenvolvimento é marcado por múltiplas concepções que refletem diferentes momentos históricos e contextos políticos. Durante boa parte do século XX, o desenvolvimento foi compreendido essencialmente como sinônimo de crescimento econômico, industrialização e modernização. Essa concepção, fortemente influenciada por teorias keynesianas e pelo discurso de Truman em 1949, estabeleceu uma categorização entre países considerados desenvolvidos e aqueles rotulados como subdesenvolvidos, com base em parâmetros ocidentais de industrialização e acumulação de capital (Souza, 1993; Cruz; Freitas;



Radomsky, 2016). Esse modelo reducionista contribuiu para a imposição de projetos exógenos que desconsideravam as especificidades territoriais, culturais e sociais das comunidades, resultando muitas vezes na descaracterização de modos de vida e no aprofundamento das desigualdades (Becker, 2001).

É nesse contexto que as críticas ao modelo hegemônico de desenvolvimento ganham força, sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980, quando documentos como Os Limites do Crescimento, elaborado pelo Clube de Roma em 1972, alertaram para a insustentabilidade da exploração indiscriminada dos recursos naturais (Oliveira, 2012). Posteriormente, o Relatório Brundtland de 1987 consolidou o conceito de desenvolvimento sustentável, definindo-o como aquele que atende às necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras. Essa concepção foi reforçada na Rio-92 e incorporada à Agenda 2030 da ONU, que estabeleceu os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável como referência para políticas globais (Brüseke, 1994; ONU, 2015). Ainda assim, mesmo o conceito de sustentabilidade foi, em muitos casos, instrumentalizado de forma superficial, sem romper completamente com a lógica econômica dominante.

Diante desse cenário. Para o autor Artur Escobar, o desenvolvimento não é uma condição objetiva, mas sim uma construção discursiva que emergiu no pós-Segunda Guerra Mundial, utilizada para legitimar a dominação econômica e cultural dos países centrais sobre os periféricos (Escobar, 2007). Ao classificar determinadas nações como atrasadas ou subdesenvolvidas, os discursos de desenvolvimento justificaram a implementação de modelos ocidentais de modernização, impondo padrões eurocêtricos que marginalizaram saberes tradicionais e modos de vida locais. Essa crítica revela que o conceito de desenvolvimento, tal como difundido, operou como instrumento de poder, mais voltado à manutenção da hegemonia global do que à promoção de melhorias reais nas condições de vida das populações.

Escobar (2005; 2009) propõe, como alternativa, a perspectiva do pós-desenvolvimento, que não busca apenas redefinir o conceito de desenvolvimento, mas questionar sua própria lógica. Essa abordagem valoriza a diversidade cultural, a autonomia comunitária e os saberes locais como elementos centrais na formulação de estratégias de transformação social. Para o autor, o desenvolvimento autêntico deve surgir de dentro das comunidades, considerando seus ritmos, práticas e identidades, em vez de ser imposto por agentes externos que frequentemente desconsideram as dinâmicas locais. Nesse sentido, o pós-desenvolvimento questiona a centralidade do crescimento econômico como indicador exclusivo de progresso e defende uma visão mais ampla, que incorpora dimensões sociais, culturais e ambientais (Silva, 2016).

Essa perspectiva tem profundas implicações para o entendimento do desenvolvimento local. Diferente do modelo tradicional, o desenvolvimento local pressupõe a participação ativa das populações no planejamento e na execução de projetos, respeitando as características históricas, culturais e ambientais dos territórios (Schneider, 2009). Ao reconhecer que cada comunidade possui saberes e práticas próprias, o desenvolvimento local promove a valorização da identidade e da autonomia, fortalecendo vínculos comunitários e criando alternativas de geração de renda alinhadas à realidade local. Sachs (2000) reforça que a sustentabilidade só pode ser alcançada quando se integra crescimento econômico, justiça social e preservação ambiental, mas ressalta também a importância de respeitar a diversidade cultural como pilar do processo.

No caso de Mazagão Velho, essa discussão é particularmente relevante, pois o distrito apresenta uma identidade histórica singular, marcada pela transposição da antiga Mazagão africana para a Amazônia no século XVIII (Vidal, 2008). Essa herança cultural, materializada em práticas religiosas e no patrimônio histórico, constitui base para pensar estratégias de desenvolvimento que estejam enraizadas no território e no protagonismo comunitário. A Festa

de São Tiago, por exemplo, não deve ser compreendida apenas como produto turístico ou evento econômico, mas como prática de territorialidade que reafirma a identidade mazaganense e mobiliza a comunidade em torno de sua memória coletiva (Santos, 2008; Videira, 2021).

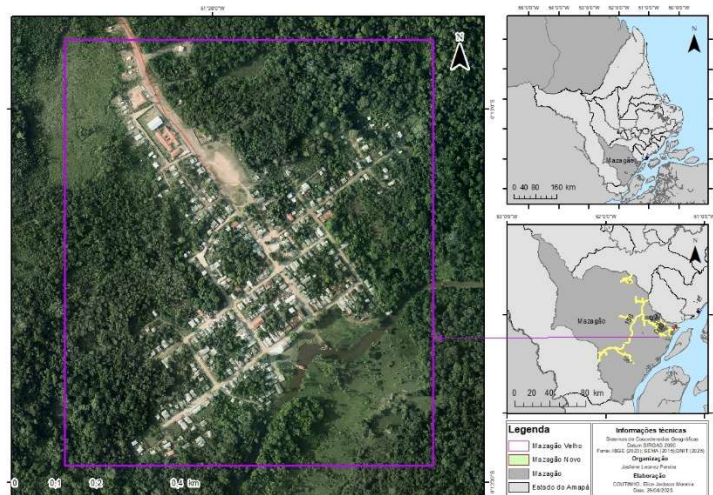
Assim, a crítica de Escobar ao modelo hegemônico de desenvolvimento ilumina a necessidade de repensar o turismo cultural em Mazagão Velho como prática de desenvolvimento local. Em vez de reproduzir lógicas exógenas, que poderiam reduzir a festa a mero espetáculo para visitantes, é necessário concebê-la como expressão comunitária, cujo protagonismo deve permanecer com os moradores. O turismo cultural, nesse sentido, pode se tornar instrumento para desenvolver a comunidade, ao articular geração de renda e valorização identitária sem romper com as práticas tradicionais que sustentam a vida comunitária.

Portanto, ao se apropriar das contribuições de Escobar, o desenvolvimento local em Mazagão Velho pode ser compreendido como processo que emerge das próprias práticas culturais e religiosas da comunidade, colocando o turismo cultural não como imposição externa, mas como alternativa construída coletivamente. Esse caminho rompe com a lógica linear de progresso e abre espaço para um modelo de desenvolvimento enraizado no território, em que a cultura deixa de ser recurso explorado e se transforma em fundamento para a sustentabilidade social, econômica e simbólica.

Distrito de Mazagão Velho: Patrimônio histórico cultural

A compreensão do papel do turismo cultural em Mazagão Velho exige, primeiramente, uma análise de sua trajetória histórica e da riqueza de seu patrimônio cultural. O distrito, localizado às margens do rio Vila Nova, a cerca de 62 km de Macapá, possui uma população estimada em 8.751 habitantes (IBGE, 2022), conforme pode ser observado no mapa abaixo:

Figura 1 – Mapa Localização do Distrito de Mazagão Velho/AP



Fonte: Sistemas de Coordenadas Geográficas, Datum SIRGAS 2000. IBGE (2023); SEMA (2015); DNIT (2025).

Sua origem remonta ao século XVIII, quando a Coroa Portuguesa decidiu transferir colonos da antiga Mazagão, localizada no atual Marrocos, para o território amazônico, como estratégia de ocupação e defesa frente às investidas de povos muçulmanos (Vidal, 2008). Esse processo migratório, pouco comum na história brasileira, resultou em um mosaico cultural que articula elementos africanos, europeus e indígenas, compondo uma identidade histórica singular.

A memória desse deslocamento transatlântico não se limita a registros oficiais, mas está presente na oralidade dos moradores e nas práticas culturais transmitidas de geração em



geração. Videira (2021) observa que o distrito pode ser compreendido como um “museu a céu aberto”, onde a própria vivência da comunidade constitui parte do patrimônio. Os moradores mais antigos atuam como guardiões da tradição, transmitindo narrativas sobre a fundação da vila e mantendo vivas as manifestações culturais que reafirmam a identidade mazaganense. Essa característica aproxima Mazagão Velho do conceito de patrimônio cultural imaterial, definido pelo artigo 216 da Constituição de 1988 como os bens de natureza material e imaterial que portam referência à identidade, ação e memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988).

Entre as manifestações culturais mais significativas está a Festa de São Tiago, realizada desde 1777. Esse evento recria simbolicamente as batalhas entre mouros e cristãos, inspiradas na experiência da antiga Mazagão africana, transformando-se em uma das celebrações religiosas mais emblemáticas da Amazônia (Vidal, 2008). A festa dura cerca de 12 dias e inclui missas, procissões, encenações teatrais, apresentações culturais e a participação ativa da comunidade. Como ressalta Oliveira (2020), a presença de São Tiago, representado como santo guerreiro que teria intercedido milagrosamente a favor dos cristãos, confere à festividade um caráter de religiosidade popular associado à reafirmação identitária.

O evento não apenas mobiliza a população local, mas também atrai milhares de visitantes, o que confere à festa papel central no dinamismo econômico do distrito. Em 2023, o governo estadual repassou R\$ 1,2 milhão para apoiar a realização da celebração (Figueiredo, 2023), enquanto os empreendedores populares e artesãos locais movimentaram cerca de R\$ 335 mil com vendas de produtos e serviços (Nogueira, 2023). Durante esse período, observa-se um incremento significativo na renda das famílias, com atividades que vão desde a venda de alimentos típicos até o aluguel de casas para hospedagem improvisada. Ainda assim, esses ganhos permanecem temporários, restritos ao calendário festivo, o que reforça a necessidade de pensar o turismo cultural como atividade estruturada e contínua.

Para além da festa, Mazagão Velho preserva importantes bens materiais que compõem seu acervo histórico. Entre eles, destacam-se as ruínas da antiga igreja matriz, construída no período colonial e hoje símbolo das origens da comunidade; o mausoléu erguido para abrigar ossadas humanas encontradas em escavações arqueológicas realizadas em 2016; e a Igreja de Nossa Senhora da Assunção, também chamada Igreja de São Tiago, construída na década de 1930 e considerada palco central das celebrações religiosas (Queiroz, 2023). Esses elementos arquitetônicos e arqueológicos reafirmam o papel da religiosidade e da memória na constituição da territorialidade local.

Outro espaço de destaque é a Casa de Cultura Dona Oldacina, que abriga vestimentas cerimoniais, instrumentos musicais, documentos históricos e objetos relacionados à Festa de São Tiago e à memória da comunidade (Queiroz, 2023). Esse espaço se configura como potencial núcleo de memória e de visita cultural, mas ainda carece de maior investimento em estrutura e divulgação para atrair visitantes fora do período das festividades. A ausência de uma programação cultural permanente limita o aproveitamento desse patrimônio como recurso turístico, restringindo sua visibilidade e seu papel no fortalecimento econômico da vila.

Esses elementos, quando analisados em conjunto, evidenciam que Mazagão Velho reúne condições singulares para estruturar um modelo de turismo cultural enraizado em seu patrimônio histórico e identitário. O distrito preserva bens materiais e imateriais que, integrados em roteiros e iniciativas planejadas, poderiam atrair visitantes durante todo o ano. Entretanto, como observa Escobar (2005), o simples reconhecimento desses recursos não é suficiente; é fundamental que a comunidade seja protagonista na apropriação e gestão de seu patrimônio, garantindo que o turismo não descaracterize suas práticas, mas as fortaleça.



Assim, o patrimônio cultural de Mazagão Velho transcende o valor simbólico e histórico, constituindo um ativo estratégico para o desenvolvimento local. No entanto, sua efetiva contribuição depende da articulação entre preservação, planejamento público e protagonismo comunitário. O desafio é transformar esse patrimônio em fonte contínua de geração de renda e inclusão social, sem romper com os vínculos identitários que sustentam a memória e a territorialidade do povo mazaganense.

Desafios e potencialidades

O turismo cultural em Mazagão Velho apresenta um conjunto de desafios que limitam sua consolidação como atividade contínua e capaz de gerar efeitos mais amplos para o desenvolvimento local. Embora a Festa de São Tiago seja reconhecida como parte do Inventário Nacional de Referências Culturais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, reconhecida como um patrimônio cultural imaterial do Estado do Amapá, e atraia milhares de visitantes anualmente, os benefícios econômicos decorrentes da festividade permanecem concentrados em um curto período de tempo, reforçando a marca da sazonalidade (Oliveira, 2020). Durante cerca de doze dias, comerciantes locais, agricultores familiares e prestadores de serviços encontram oportunidades de incremento de renda, com vendas de alimentos típicos, artesanato, roupas e serviços de hospedagem improvisada. Segundo dados oficiais, em 2023 a movimentação financeira foi de aproximadamente R\$ 335 mil apenas no setor do empreendedorismo popular e do artesanato, enquanto o governo estadual destinou R\$ 1,2 milhão para apoiar a realização do evento (Figueiredo, 2023; Nogueira, 2023). Entretanto, no restante do ano, a economia do distrito volta a se apoiar quase exclusivamente na agricultura familiar e em atividades de subsistência, o que evidencia a falta de continuidade das oportunidades ligadas ao turismo.

A dependência de investimentos públicos pontuais é outro obstáculo relevante. O aporte financeiro realizado pelo governo estadual em 2023, por exemplo, possibilitou a execução da Festa de São Tiago em larga escala, com apoio logístico e manutenção das rodovias de acesso ao distrito. Todavia, tais investimentos não constituem uma política estruturada e permanente, mas sim uma ação pontual vinculada ao calendário festivo e ao interesse da gestão em exercício (Almeida, 2019; Figueiredo, 2023). Como resultado, não há planejamento de longo prazo que fortaleça a infraestrutura turística local ou que incentive a diversificação de atrativos culturais ao longo do ano. Essa dependência cria um ciclo de vulnerabilidade, em que a comunidade fica à mercê de decisões governamentais momentâneas, sem autonomia para consolidar o turismo como vetor contínuo de desenvolvimento.

A informalidade das atividades econômicas associadas ao turismo cultural em Mazagão Velho também constitui um desafio central. A maior parte dos moradores que aproveitam o fluxo de visitantes durante a festa atua sem capacitação técnica, acesso a crédito ou formalização de seus negócios (Nogueira, 2023). As vendas de alimentos, artesanato e serviços ocorrem de maneira improvisada, em barracas montadas temporariamente ou em espaços adaptados nas próprias residências. Essa realidade limita o potencial de crescimento econômico, uma vez que impede o acesso a linhas de financiamento específicas, a programas de qualificação e a políticas de incentivo ao empreendedorismo. Conforme argumenta Beni (2006), a estruturação do turismo exige a integração de múltiplos fatores, entre os quais se destacam a profissionalização dos atores locais, a melhoria da infraestrutura e a diversificação dos produtos turísticos ofertados. Sem avanços nessas frentes, o turismo cultural em Mazagão Velho tende a permanecer restrito a práticas informais e pouco estruturadas.

Outro aspecto que merece destaque é a ausência de diversificação da oferta turística no distrito. Apesar de Mazagão Velho abrigar importantes bens culturais e históricos, como as



ruínas da antiga igreja matriz, o mausoléu construído após escavações arqueológicas e a Casa de Cultura Dona Oldacina, que guarda artefatos e registros relacionados à história da vila (Queiroz, 2023); esses elementos permanecem pouco explorados como atrativos turísticos ao longo do ano. A festa concentra quase todas as atenções e investimentos, enquanto os demais recursos patrimoniais permanecem invisibilizados, sem a devida integração a roteiros ou programas de visitação contínuos. De acordo com Escobar (2005), o desenvolvimento local pressupõe a valorização das especificidades territoriais e culturais, sendo essencial que os recursos já existentes sejam apropriados pela própria comunidade como instrumentos de fortalecimento identitário e econômico. No caso de Mazagão Velho, a falta de aproveitamento desses bens culturais reflete não apenas a ausência de políticas públicas estratégicas, mas também a fragilidade das iniciativas comunitárias diante de um cenário de apoio institucional limitado.

Esses desafios apontam para a necessidade de uma reestruturação do turismo cultural no distrito, com base em princípios de sustentabilidade e protagonismo comunitário. Escobar (2007; 2009) ressalta que o desenvolvimento imposto por modelos exógenos tende a marginalizar saberes locais e reforçar dependências. Portanto, a superação das limitações observadas em Mazagão Velho depende de um modelo de turismo cultural construído de baixo para cima, no qual a comunidade seja agente central do processo de planejamento e execução. Isso implica investir em capacitação técnica, formalização de negócios, ampliação da infraestrutura, diversificação de atrativos e descentralização dos investimentos públicos.

Assim, os desafios enfrentados pelo turismo cultural em Mazagão Velho não se limitam à sazonalidade ou à falta de planejamento, mas expressam uma problemática mais ampla relacionada à ausência de um modelo participativo e sustentável de desenvolvimento. Para transformar o turismo em vetor de fortalecimento econômico e social, é necessário romper com a lógica de ações pontuais e avançar para um planejamento que valorize o patrimônio cultural em sua totalidade, integre práticas tradicionais e assegure o protagonismo da comunidade local.

3. Consideração final

O estudo sobre o turismo cultural em Mazagão Velho demonstra que a localidade possui singularidades históricas e culturais que a distinguem de outros territórios amazônicos, configurando-se como espaço privilegiado para pensar alternativas de desenvolvimento local. A origem da vila, marcada pela transferência da antiga Mazagão africana, e a permanência de práticas seculares como a Festa de São Tiago, revelam uma territorialidade construída a partir da memória coletiva e da religiosidade, elementos que constituem forte potencial turístico (Vidal, 2008; Videira, 2021).

Ao articular a análise teórica sobre desenvolvimento com a realidade empírica de Mazagão Velho, é possível afirmar que a crítica de Arturo Escobar oferece fundamentos essenciais para compreender os limites e as possibilidades do turismo cultural como estratégia de desenvolvimento local. Sua concepção de pós-desenvolvimento destaca que o crescimento econômico, isoladamente, não é suficiente para transformar positivamente a vida das comunidades, sobretudo quando imposto por modelos externos que ignoram práticas e identidades locais (Escobar, 2007; 2009). Nesse sentido, o caso de Mazagão Velho exemplifica a necessidade de repensar o turismo cultural para além de sua dimensão econômica, concebendo-o como prática social e cultural enraizada no protagonismo comunitário.

O levantamento de dados evidenciou que, embora a Festa de São Tiago movimente recursos significativos em um curto período — cerca de R\$ 335 mil em vendas do comércio popular em 2023, com apoio governamental de R\$ 1,2 milhão (Nogueira, 2023; Figueiredo, 2023) —, a atividade turística no distrito permanece marcada pela sazonalidade e pela



dependência de investimentos públicos pontuais. Essa dinâmica fragiliza a sustentabilidade econômica da população local, que retorna à agricultura familiar e a atividades de subsistência no restante do ano (IBGE, 2022; Oliveira, 2020).

Esse quadro aponta para a urgência de um modelo de turismo cultural que se estruture em bases mais amplas e permanentes, contemplando não apenas a festa, mas também o conjunto do patrimônio histórico e cultural do distrito, como as ruínas da antiga igreja, o mausoléu, a Casa de Cultura Dona Oldacina e as manifestações artísticas locais (Queiroz, 2023). A diversificação da oferta turística permitiria a criação de um calendário cultural contínuo, capaz de atrair visitantes durante todo o ano e reduzir a vulnerabilidade decorrente da sazonalidade. No entanto, a transformação do turismo em vetor de desenvolvimento local só será possível se houver maior protagonismo da comunidade mazaganense no planejamento e na gestão das atividades. Como ressaltam Beni (2006) e Sachs (2000), o turismo sustentável depende da capacitação dos atores locais, da valorização dos saberes tradicionais e da integração entre economia, cultura e ambiente. No caso de Mazagão Velho, isso significa estimular processos de formalização de negócios, ampliar o acesso a políticas de crédito e promover ações de qualificação que fortaleçam tanto o empreendedorismo quanto a preservação do patrimônio cultural.

Assim, as considerações finais deste estudo indicam que o turismo cultural pode se consolidar como importante caminho para o desenvolvimento local em Mazagão Velho, desde que articulado em torno de três dimensões interdependentes. A primeira é a dimensão cultural, que deve assegurar a preservação da identidade mazaganense e evitar a mercantilização excessiva da Festa de São Tiago. A segunda é a dimensão social, que requer a inclusão da população no processo decisório, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma justa e que os moradores se reconheçam como protagonistas. A terceira é a dimensão econômica, que envolve a diversificação de atividades, a formalização dos empreendimentos e a criação de políticas públicas permanentes que consolidem a infraestrutura necessária ao turismo.

Conclui-se, portanto, que Mazagão Velho reúne os elementos que oportunizam, a partir de seu patrimônio histórico e cultural, um ativo estratégico para o desenvolvimento local. Contudo, essa transformação depende de uma mudança de perspectiva: é preciso abandonar a lógica de ações pontuais e imediatistas e avançar para um modelo participativo e sustentável, no qual a comunidade seja o centro das decisões. Ao integrar as contribuições de Escobar sobre pós-desenvolvimento e protagonismo local, o turismo cultural em Mazagão Velho pode ser compreendido não apenas como atividade econômica, mas como prática social capaz de fortalecer identidades, gerar renda e promover inclusão.

4. Referências

ALMEIDA, C. M. C. **Vila de Mazagão Velho na rota do turismo sustentável**. Agência de Fomento do Amapá, 23 jul. 2019 Disponível em: [https://afap.ap.gov.br/noticias/vila-de-mazagao-velho-na-rota-do-turismo-sustentavel#:~:text=Este%20ano%2C%20o%20Estado%20investiu,Turismo%20de%20Mazag%C3%A3o%20\(Mazag%C3%A3oCult\)..](https://afap.ap.gov.br/noticias/vila-de-mazagao-velho-na-rota-do-turismo-sustentavel#:~:text=Este%20ano%2C%20o%20Estado%20investiu,Turismo%20de%20Mazag%C3%A3o%20(Mazag%C3%A3oCult)..) Acesso em: 10 nov. 2024.ok

BECKER, Bertha K. **Revisão das políticas de ocupação da Amazônia: é possível identificar modelos para projetar cenários?**. Parcerias estratégicas. Brasília, v. 12, n. 1, p. 135-59, set. 2001.



BECKER, Bertha Koiffmann. **Novas territorialidades na Amazônia:** desafio às políticas públicas. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 5, p. 17-23, abr. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/d4vc5x595k5mJZfnMNNPKTs/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2025.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 11 jun. 2025.

BRÜSEKE, Franz Josef. **O problema do desenvolvimento sustentável**. In.

CALVANCANTI, Clovis. (Org.) **Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável**. São Paulo: Editora Cortez; Recife: FUNDAJ, 1994, p. 262.

BURSZTYN, I. BARTHOLO, R. DELAMARO, M. **Turismo para Quem? sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil**. In: Bartholo, R. SANSOLO, D.G. BURSXTYN, I. (Orgs.) **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileira**. Ministério do Turismo. p. 108-121, 2009.

CRUZ, M. J. R. FREITAS, G. R. RADOMSKY, G. F. **Pós-Desenvolvimento: A Desconstrução do Desenvolvimento**. In: NIEDERLE, P. A.; RADOMSKY, G. F. (Orgs.). **Introdução às teorias do desenvolvimento**. Porto Alegre: UFRGS, 2016. p. 115-123.

ESCOBAR, Arturo. El “postdesarrollo” como concepto y práctica social. **Revista Española de Desarrollo y Cooperación**, v. 24, p. 81-99, 2009.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento**. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 133-168, 2005.

ESCOBAR, Arturo. **La invención del Tercer Mundo: construcción y deconstrucción del desarrollo**. Cidade: Caracas. Governo Bolivariano da Venezuela, 2007.

FIGUEIREDO, F. **Governo do Amapá repassa R\$ 1,2 milhão em recursos para a Festa de São Tiago em Mazagão Velho**. Amapá, 08 de jul. 2023 Disponível em:

<https://www.portal.ap.gov.br/noticia/1007/governo-do-amapa-repassa-r-1-2-milhao-em-recursos-para-a-festa-de-sao-tiago-em-mazagao-velho> Acesso em: 10 nov. 2024.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Área territorial brasileira 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/mazagao.html>. Acesso em: 8 mar. 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo 2022: População e Domicílios - Primeiros Resultados - Atualizado em 22/12/2023**. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ap/mazagao.html>. Acesso em: 8 mar. 2025.



NOGUEIRA, Jamylle. **Festa de São Tiago: espaços do empreendedor popular e artesanato movimentam R\$ 335 mil em Mazagão Velho**. Amapá, 27 de jul. 2023. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/2707/festa-de-sao-tiago-espacos-do-empreendedor-popular-e-artesanato-movimentam-r-335-mil-em-mazagao-velho> Portal Governo do Amapá - Festa de São Tiago: Governo do Amapá realiza manutenção das rodovias AP-010 e AP-020, de acesso à Mazagão Velho . Acesso em 15 nov. 2024

OLIVEIRA, Leandro Dias. Os "Limites do Crescimento" 40 Anos Depois. , [S.l.], n. 1, p. 72-96, jul. 2012. ISSN 2317-8825. Disponível em: <<https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/8>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

OLIVEIRA, Marilucia Barros. **São Tiago em Mazagão Velho (Amapá/Brasil): cultura religiosa e língua**. Revista Compostela, n. 61, p. 85-90, 2020.

OMT. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>. Acesso em: 15 fev. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS ONU. **Report of the United Nations Conference on the Human Environment. Estocolmo, 1972**. Ano?? Disponível em: <https://digitallibrary.un.org/record/523249?v=pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

QUEIROZ, Amelline de. **Conheça Mazagão, a cidade intercontinental no coração da Amazônia**. Amapá, 22 jul. 2023. Disponível em: <https://www.portal.ap.gov.br/noticia/2007/conheca-mazagao-a-cidade-intercontinental-no-coracao-da-amazonia>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SACHS, Wolfgang (Ed.). **O dicionário de desenvolvimento: Um guia para o conhecimento como poder**. cidadePetrópolis: Vozes Bloomsbury Publishing, 200019. 400 p.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço: Espaço e tempo, razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 1999. 392 p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008

SANTOS, M. SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC; ANPUR, 1998.

SCHNEIDER, S. **Território, Ruralidade e Desenvolvimento**. In: VELÁSQUEZ LOZANO, Fabio.; MEDINA, Juan Guillermo Ferro (Editores). (Org.). **Las Configuraciones de los Territorios Rurales en el Siglo XXI**. 1 ed. Bogotá/Colombia: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009, v. 1, p. 67-108.

SILVA, Flávio José Rocha. **O conceito de desenvolvimento no pensamento de Arturo Escobar**. PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho. Presidente Prudente, v. 17, n. 2, p.



170-181., dez. 2016. Disponível em:

<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/4671/3585>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SOUZA, Nali de Jesus. **Desenvolvimento econômico**. Cidade São Paulo: Editora Atlas, 1993.

VIDAL, Laurent. **Mazagão: a cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins, 2008.

VIDEIRA, Piedade Lino; VASCONCELOS, José Gerardo. **Experiência museal no distrito de Mazagão Velho-AP: visita em movimento**. Roteiro, [S. l.], v. 46, p. e26473, 2021.

DOI: 10.18593/r.v46.26473. Disponível em:

<https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/26473>. Acesso em: 20 Nov. 2024

.Roteiro, v. 46, 2021.